

Outras visões do Rio de Janeiro colonial
Jean Marcel Carvalho França

Um significativo acréscimo à pesquisa da história e da cultura carioca.

JOSÉ OLYMPIO EDITORA
Tel.: (0xx21) 509.6939 Fax.: (0xx21) 242.0802 E-mail: joedit@unisys.com.br

IDÉIAS

L I V R O S

ideias@jb.com.br

JORNAL DO BRASIL 26 AGO 2000

conexões
FRIEDRICH NIETZSCHE
CREPÚSCULO DOS ÍDOLOS
(OU COMO FILOSOFAR COM O MARTELO)
RELUME DUMARÁ
Tel.: (21) 564-6869
e-mail: rclume@reclumedumara.com.br

O TESTAMENTO DE SARNNEY

← JOSÉ

De passagem pelo Rio para o lançamento de seu novo livro, *Saraminda*, o ex-presidente José Sarney, aos 70 anos, se diz um homem em paz consigo mesmo. Conciliador por natureza, ele avalia que deu sua contribuição ao país, conduzindo-o à democracia plena.

Na suíte presidencial do Hotel Glória - a mesma em que se hospeda há 40 anos - Sarney, aos 70 anos, se diz um homem em paz consigo mesmo. Conciliador por natureza, ele avalia que deu sua contribuição ao país, conduzindo-o à democracia plena.

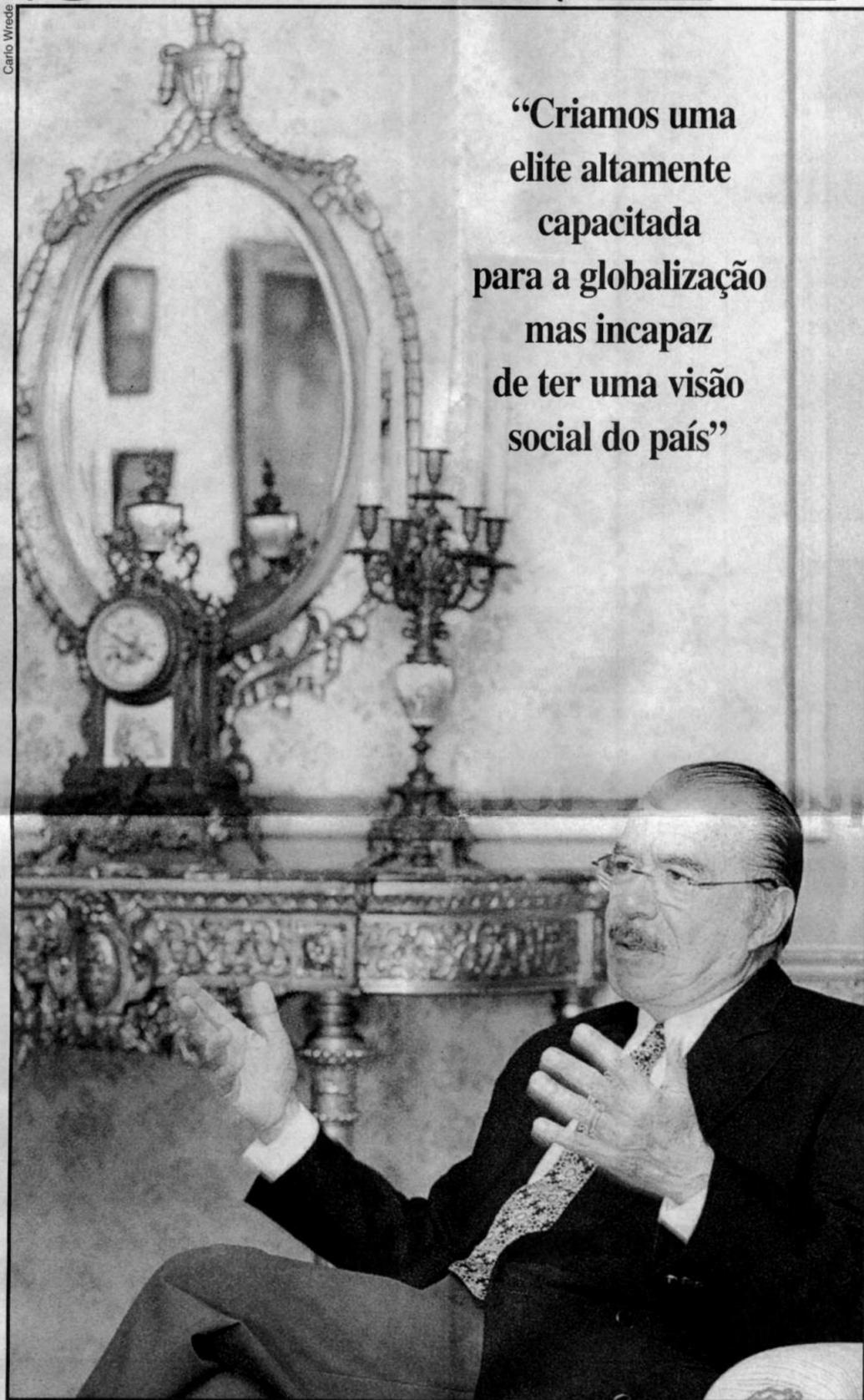
O romance anterior do acadêmico José Sarney, *O dono do mar*, já teve dez edições, vendeu 75 mil exemplares e foi traduzido em oito línguas. A próxima obra do senador pelo Amapá é um livro de memórias, *Testamento para Roseana*, que vai ser lançado no ano que vem, e cujo texto está bastante adiantado. Nele, Sarney lança um olhar introspectivo sobre sua formação e os principais fatos que viveu. *Ele fugiu da autobiografia, que vê como uma concessão a histórias pessoais que envelhecem.* "O Brasil é muito pobre em matéria de memória e acho que tenho a obrigação de deixar registrados fatos importantes que vivi", diz o senador, que vai encerrar o livro no período da presidência.

Sarney acredita que sua geração teve nas idéias socialistas a maior utopia. "Depois de 1945, pensávamos que íamos construir um mundo de paz. E o que havia ao nosso alcance, em matéria de utopia, eram as idéias socialistas. Eu também tive uma formação marxista na juventude, mas tive uma incompatibilidade intransponível: minha formação religiosa. Mas sempre tive preocupação com justiça social e com o destino da humanidade", diz o senador, para quem o que está faltando aos jovens de hoje é uma utopia. "Quando não se tem utopia, a vida se torna apenas uma sensação de engordar. O comunismo é, realmente, uma idéia generosa."

O ex-presidente critica o candidato republicano à presidência dos Estados Unidos. "Na convenção, nem uma palavra sobre o destino da humanidade. Bush ressaltou como eles foram capazes de criar um modelo enlatado mundial. Não se encontra uma palavra de uma nação, que tem o destino do mundo hoje nas mãos, sobre melhorar a sorte da humanidade."

Ao ouvir a pergunta "por que o Brasil não deu certo?", o senador se inflama. Discorre por um longo tempo para provar que o Brasil "deu certíssimo". Admite que o país é ainda muito injusto, mas tem uma mobilidade social extraordinária, da qual ele, filho de uma retirante da seca do Nordeste, é uma prova viva. E Lula outra. "A gente vê a força da transformação do movimento sindical livre, quando pensa que o Brasil, nona economia do mundo, teve um operário candidato à presidência da República."

O ex-presidente dirige uma crítica impessoal contra o que ele chama de "satelização do país": "Estão nos satelizando. Um país desse tamanho, que tem um destino nacional, que tem uma forte presença continental, não pode ser satelizado."



“Criamos uma elite altamente capacitada para a globalização mas incapaz de ter uma visão social do país”

LENEIDE DUARTE

- A vida lhe deu todas as glórias, ou quase todas. Ficou alguma frustração, na política ou na literatura?

- Quando morremos, levamos sempre alguma frustração. A grande frustração do homem passa a ser a própria vida. Tenho uma grande frustração: nunca andei de bicicleta. Vou morrer sem ter dado de bicicleta. Quando era menino tinha muita vontade, passei a vida inteira com essa obsessão. Nunca tive a bicicleta. No meu tempo de menino, meus pais não tinham condição.

- E depois, quando pôde, não aprendeu?

- Acho que Deus me deu a presidência da República, mas não me deu a bicicleta. Cada um de nós leva dentro uma coisa que nunca teve. E é tão grande quanto as coisas que teve.

- Existem duas histórias em relação a seu destino de presidente da República. Uma é de dona Marina Barros, mulher do embaixador Jaime Barros, tia de dona Marly. Ela lhe disse que sabia que só morreria depois de vê-lo presidente da República. O senhor respondeu que vinha de um estado pobre e sem grande importância no cenário nacional, o que tornaria o sonho dela quase impossível. Existe uma ou-

tra história que também aponta para esse destino, não?

- Ela disse isso mesmo. Mas acho que era parte da generosidade das pessoas. E como tive sempre um espírito de liderança... Acho que isso é inato, é uma capacidade que Deus nos dá, de reunir pessoas e grupos em torno de uma causa, de um ideal. A primeira pessoa que disse isso foi minha avó. Eu era menino, tinha uns 7 anos. Diziam: "Está faltando água, vai buscar José. Faz isso, faz aquilo." Eu me habituei desde menino a ter responsabilidades. As pessoas sempre eram generosas comigo, achavam sempre que eu ia ter um passo na frente, diziam essas coisas. Mas elas nunca me perturbavam. Isso a vida me ensinou. O poder nunca me modificou. Fui governador ainda moço, mas nunca me modifiquei. O poder passou por mim mas nunca conseguiu me modificar. Continuo sendo o mesmo homem simples. Minha formação religiosa me deu essa compreensão de que a vida é uma coisa que passa.

- Conte a história da vidente do interior de Minas.

- Vou contar, até porque o Fernando Sabino me lembrou e os outros todos lembravam-se disso. Era uma carto-

mante e vidente muito célebre de Araxá, chamada Maria do Correio. Ela era consultada freqüentemente pelo Benedito Valadares e pelo Israel Pinheiro. Todos os políticos iam a dona Maria do Correio. Em 1963, nós estávamos em Araxá, numa estação de águas, o que naquele tempo era muito comum. Estávamos no mesmo Respe, eu, Magalhães Pinto, Otto Lara Gusmano, Fernando Sabino e José Aparecido. Magalhães era governador de Minas, candidato à presidência da República. O Otto Lara, com aquele espírito aberto, virou-se e disse: "Dona Maria, aqui entre nós tem um presidente da República, a senhora pode dizer quem é?" Dona Maria virou e disse: "É esse moço que está aqui do lado". E apontou para mim. Quando ela disse isso, todos deram uma risada muito grande, achando que dona Maria era uma mulher muito inteligente e hábil. Como era muito amiga do Benedito Valadares, do PSD, não podia dizer que era o Magalhães. Teria escolhido um desvio. Todos nós achamos graça. O Otto tornou a perguntar: "Mas dona Maria, aqui tem um presidente, a senhora não está olhando direito, olhe, dona Maria." Quando eu cheguei à Presidência, as pessoas começaram a lembrar. O Fernando Sabino contou em uma crônica.

- E na política, ficou alguma frustração?

- A política para mim foi um destino. A literatura sempre foi uma vocação. Sempre tive a compulsão, o desejo de escrever, de eternizar pelas palavras emoções, sentimentos, momentos. A criação literária sempre foi muito forte na minha personalidade. Infelizmente, eu não tive condições pela vida, porque a política me arrastou. Mas foi a literatura que me levou à política, porque eu me casei com a política, fiquei com ela a vida inteira numa convivência difícil, tive uma amante que eu não largo, que é a literatura, pela qual tenho grande fascinação e grande paixão.

- O que é mais gratificante, escrever ou fazer política?

- Através da política procurei servir meu país. O bom político tem como ideal transformar, mudar o mundo, a vida de seu município, de seu estado, de seu país, da humanidade. Através da política, acho que pude prestar uma contribuição, tive uma vida que não foi inútil em relação aos meus semelhantes. Deus me deu essa oportunidade. Deus foi extremamente generoso, sou um homem de grande fé.

- O senhor é católico?

- Sou católico praticante.

- E não é ingrato. Sabe agradecer...

- Ah, sim. Diariamente o faço. Tanto que quando assumi a presidência da República, de repente, no meio daquele tumulto disse aquela frase: "Deus não me trouxe de tão longe se não tivesse alguma missão para mim nesse momento." Acho que foi um período difícil, de transição, era necessário um grande equilíbrio, uma grande paciência. Sou uma pessoa feliz com a política e a carreira que Deus me deu. Deixamos o país tranquilo. Quem talvez mais tenha sofrido tenha sido eu. O país voltou à normalidade. Eu me lembro bem que uma revista de grande expressão, que muito me combateu durante todo o meu governo na presidência, fez um balanço quando eu deixava o governo. Nele, a revista dizia que eu nunca tinha feito nada, me negava tudo, mas admitia que nunca o Brasil vivera um período tão grande de liberdades públicas quanto nesse período. Eles achavam que isso não era nada mas, para mim, tinha sido uma coisa muito importante. Havíamos criado uma sociedade democrática que existe e acho que dei minha contribuição, participei talvez até com meu exemplo, com a minha personalidade.

- Com seu temperamento conciliador...

- É, também acho que isso ajudou muito o país naquele momento. Quanto à literatura, eu não lutei para ser político, o destino me fez político. Para fazer literatura, tenho lutado. Luto dia a dia. Lutei para que eu não abandonasse, para que a política não deixasse que a literatura acabasse dentro de mim. Estou envelhecendo e lutando. Sinto-me como se fosse um jovem romancista, depois de ter escrito quase 20 livros. Cada um deles é uma coisa fascinante.

- O senhor fez 70 anos em abril. Como é sua relação com o tempo?

- Vivo como se tivesse um grande futuro à frente. Sob o ponto de vista de carreira política e de realização, não tenho mais futuro nem quero ter futuro, tenho passado. Mas como pessoa humana, todos os dias acho que devemos fazer coisas novas, ter objetivos novos, estudar, procurar aprender. Tenho fome de conhecimento, sou curiosíssimo, sou um leitor compulsivo. Isso me dá força para que viva a vida que Deus nos dá. Sou muito estressado, mas dou graças à vida.

- Quando o senhor escrever sua biografia, vai contar tudo o que viu e o que fez na política como deputado, governador, presidente do PDS, presidente da República e senador?

- A gente escreve e tem uma certa compulsão para mostrar conhecimentos, que é capaz de escrever melhor e faz concessões de adjetivos, faz concessões a essa vaidade. Em *Saraminda*, na primeira versão, dei muitas informações históricas e depois comeci a podar e segui a lei do meu pai: "adjetivo não pode entrar em texto sem ser convidado"; "fuja do barroco". Afui tirando, tirando. Quando se fala de biografia, se escreve sobre a avó, sobre as tias-avós, os sentimentos. Mas aquilo envelhece. Eu vou fazer um livro de memórias que já está escrito em grande parte. Vou escrever sobre as idéias do meu tempo.

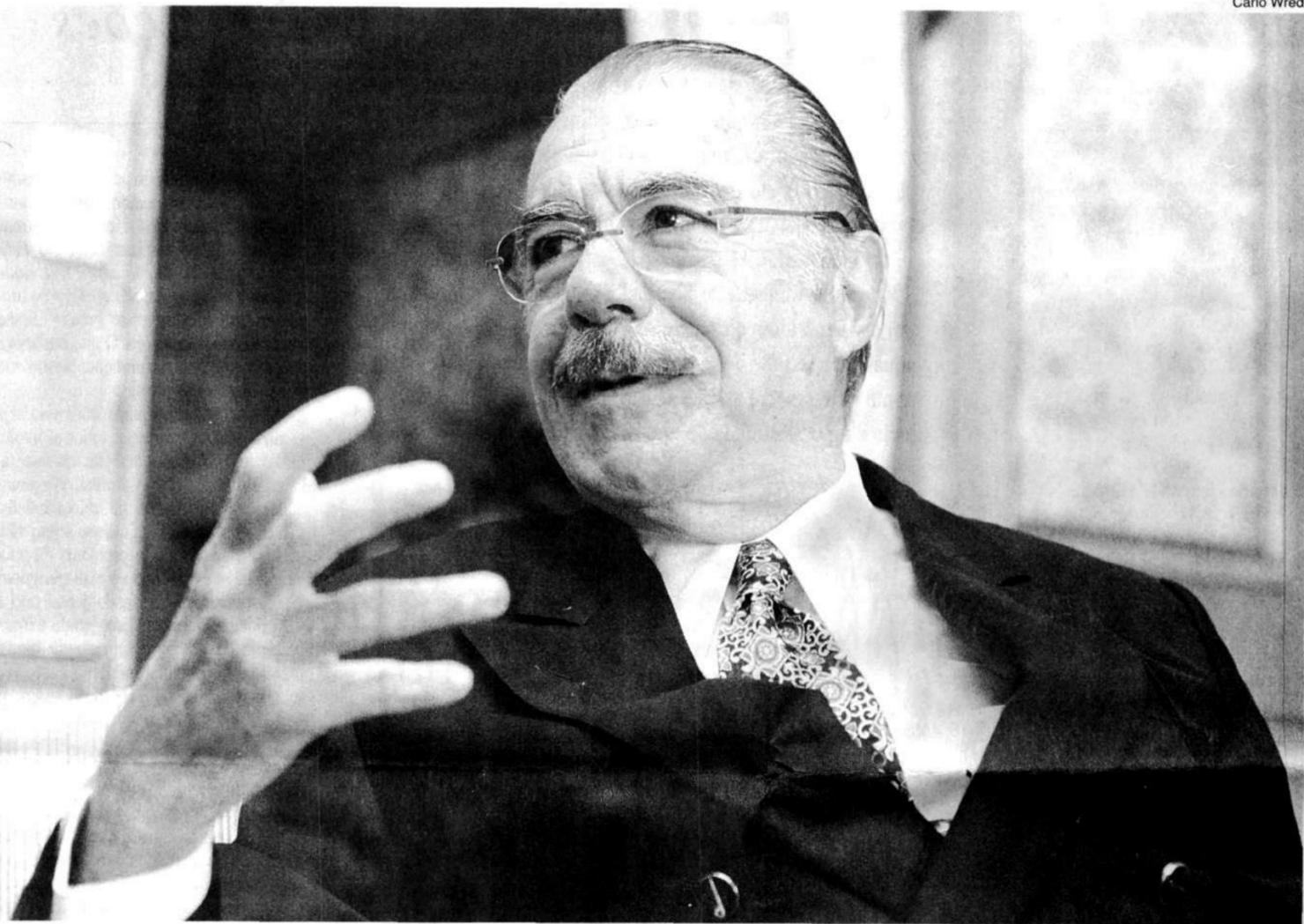
Continua na página 3

■ Continuação da capa

“A violência é hoje a face mais representativa das desigualdades”

Samuel José

Carlo Wrede



– Quando este livro de memórias vai ser lançado?

– No ano que vem.

– Como vai se chamar?

– *Testamento para Roseana.*

– E por que não uma autobiografia?

– Porque a gente faz muitas concessões de natureza absolutamente pessoal. Prefiro o livro de memórias. Evidentemente que os fatos são importantes e eles estarão presentes. O Brasil é muito pobre em matéria de memória e acho que tenho a obrigação de deixar isso registrado.

– E o senhor vai fazer alguma revelação política, algo que guardou para revelar no seu livro?

– Já escrevi a primeira parte, do nascimento até a presidência da República. A minha infância, a parte relativa à minha mocidade, a minha formação. Posso lançar um olhar introspectivo sobre o tempo e sobre os cargos que ocupei. Falta o período da presidência, quando encerro o livro. Uma das coisas que conto é minha formação. Minha geração tinha uma idéia de que depois da Guerra íamos construir um mundo de paz. Aquela geração foi uma geração utópica. E o que havia de utopia ao nosso alcance eram as idéias socialistas. Eu também mergulhei naquilo. Tive uma formação marxista na juventude. Enquanto todos os meus companheiros foram para a militância marxista eu tive uma incompatibilidade intransponível. Era a minha formação religiosa. Naquele tempo, a religião era vista como ópio dos povos. Afastei-me, sobretudo, pela minha formação religiosa. Na vida, tive sempre uma preocupação com justiça social, com o destino da humanidade. Hoje, o que está faltando no mundo é a utopia. A humanidade não pode viver sem uma utopia. Quando não existe utopia, a vida se torna apenas uma sensação de engordar. Bens materiais, apenas uma sensação de engordar. E o comunismo é realmente uma idéia generosa. O *Manifesto comunista* é muito bem feito. É uma idéia da igualdade, uma idéia generosa em relação ao mundo. Na minha geração não havia moço que não fosse tentado por essa idéia generosa.

– Qual a utopia dos jovens, hoje?

– Não têm utopia. Agora mesmo, vi a convenção do Partido Republicano. Não há uma palavra do candidato à presidência dos Estados Unidos sobre o destino da humanidade. Ele fala sobre co-

mo eles foram capazes de criar um modelo enlatado mundial, de uma perspectiva de americanização. Não se encontra uma palavra de uma nação, que tem o destino do mundo hoje nas mãos, sobre melhorar a sorte da humanidade. Nós devemos voltar a ter utopias, a procurar tornar possível o impossível.

– Por que o Brasil não dá certo?

– Ao contrário. O Brasil tem dado certíssimo.

– Por que deu certo?

– O Brasil tem 500 anos. A história do homem não dá saltos. A gente não faz uma reflexão maior: começamos o século 20 sendo uma nação onde não existia povo, onde não havia uma consciência coletiva. Era um país dominado por uma pequena elite e chegamos ao fim do século como a segunda democracia do mundo. E, sobretudo, uma sociedade democrática, injusta. Injusta, mas uma sociedade democrática. Nela, todo mundo passou a ser cidadão. Passamos de escravos a cidadãos num século. Isso é um avanço extraordinário. A humanidade costuma só fazer a contabilidade dos bens materiais, aquilo que Galbraith chama da quantidade de nossos bens e não a qualidade de nossa vida. A relação entre patrão e empregado nesses últimos 20 anos no Brasil, sobretudo depois de 1985, melhorou extraordinariamente, da água para o vinho. A democracia se estabeleceu com num sistema de capilaridade no Brasil inteiro, todo mundo se organizou. O que se viu é que esse país se transformou. Evidentemente, é um país injusto porque está mergulhado num universo no qual existe uma concentração de renda de grupos, de pessoas e de regiões, que vai mudar. Galbraith diz que essa sociedade industrial vai durar 500 anos. Para nós é terrível que dure 500 anos, ela já tem 200 anos. Mas, evidentemente, o mundo vai chegar a ser mais justo, mais igualitário. O Brasil tem dado certo. Vimos o apogeu da Europa, depois do desenvolvimento transportou-se para a América saxônica, poderosa, rica, da qual emergiram os Estados Unidos para essa aventura mundial. Depois, o movimento se deslocou para a costa da Ásia, para os chamados Tigres Asiáticos. As únicas regiões que continuam marginalizadas são a África e a América do Sul. Na América do Sul, temos o Brasil, que já hoje é uma poderosa nação industrial, é a nona economia do mundo. Acho que neste século, os anos dourados vão ser

“O Brasil é muito pobre em matéria de memória e tenho a obrigação de deixar algo registrado”

“Tive na minha fé uma incompatibilidade intransponível para a militância marxista”

“O que está faltando no mundo é a utopia. A humanidade não pode viver sem utopia”

“Quando não existe utopia, a vida se torna apenas uma sensação de engordar”

“Bush não disse uma palavra sobre melhorar a sorte da humanidade”

“O Brasil tem hoje uma sociedade democrática. Injusta, mas democrática”

“Uma nação que teve um operário candidato à presidência da República mostra que se transformou”

“A violência é hoje a face mais dramática do país e a mais representativa das desigualdades”

da América do Sul, que vai dar o seu salto qualitativo em nível mundial, embora a história mundial não esteja favorecendo muito. E eu faço uma crítica, não sei a quem, mas acho que o Brasil está, pouco a pouco, renunciando a seu destino nacional, a seu destino de liderança, de participação, de inserção mundial. Estão nos satelizando e acho que este é um debate que o país deve fazer, talvez seja o nosso maior problema. E o Brasil não pode se satelizar. Um país desse tamanho, com um destino nacional, presença dentro deste continente que é a América do Sul, não pode se satelizar.

– Quando a OMS aponta o Brasil como 125º país na qualidade da saúde oferecida à população, não se pode discutir.

– A nossa sociedade é profundamente injusta, mas se a gente pensa no Brasil devemos bater em todos nós que vivemos aqui. O Brasil deu um avanço qualitativo extraordinário e não é fácil, num país com quase 200 milhões de habitantes, com uma renda *per capita* alta, se comparada com a China, com a Índia, com grandes extensões territoriais e grandes populações.

– Ele tem um grande povo e uma elite medíocre?

– O Brasil era um país sem povo. Era uma nação que tinha uma pequena película em cima que tomava conta do país de ponta a ponta. Hoje, criamos uma sociedade democrática, o grande trunfo do país para se transformar contra as injustiças. Tivemos a organização sindical feita pela ditadura do Estado Novo, que matou a força criativa das lutas sindicais, que só vêm surgir depois nos anos 70, com a organização de um sindicalismo livre, liberto do corporativismo em promiscuidade com o Estado. A gente vê a força da transformação quando pensa que o Brasil, uma nação desse tamanho, nono país do mundo, teve um operário candidato à presidência da República, com a liderança que tem. Isso mostra que o país se transformou. Não podemos analisar só as mazelas. Essa força vai impulsionar o país para que ele possa cumprir seu destino nacional. Um país em que o filho de uma retirante da seca do Nordeste, de um estado pobre como o Maranhão, chega à presidência da República. Eu não posso ser pessimista de nenhuma maneira. Esse é um país de uma mobilidade social extraordinária. Todos temos oportunidade.

– Nem todos têm acesso a uma educação de qualidade, a uma assistência de saúde decente.

– Aí é que precisamos de uma utopia, pois falta capacitação das nossas elites para ter essa visão. A violência é mais do que tenta mostrar uma visão simplista. A violência é a face mais dramática do país hoje e mais representativa das desigualdades.

– Qual seria o caminho?

– A sociedade vai se movimentar. Os ingredientes que o Brasil tem e o povo organizado pressionando vão levar a sociedade a encontrar o caminho. Nós criamos uma elite altamente capacitada no nível de gerência econômica e financeira, para a globalização, mas não criamos no mesmo nível lideranças capazes de ter essa visão social do país, são extremamente egoístas.

– José Sarney por José Sarney. Faça um pequeno perfil.

– Tenho tantos defeitos... Acho que sou um conciliador, um homem tranquilo. Em tudo o que faço, sempre vejo as outras pessoas, penso coletivamente. Como cristão, acho que o grande ensinamento do cristianismo é a paz interior. Para se ter a paz interior é preciso não ter nenhum sentimento de culpa. Isso faz com que se possa ver o mundo e as pessoas com muita compreensão, sempre vendo os outros e não somente a gente mesmo. Acho que isso sempre foi fundamental na minha vida. Por isso, posso ser tranquilo, paciente.

– Há escritores que no fim da vida lamentam não terem se dedicado exclusivamente à literatura. No seu caso, o senhor acha que o político atrapalhou o escritor?

– O político desviou a vocação do escritor. Mas a literatura me ajudou sempre na política, já que 50% da ação política é a palavra. E quando se tem uma vocação intelectual, a gente dá grande valor às palavras. E eu sempre tive uma grande preocupação literária até nos textos que escrevia para a política. Todos os discursos eu revisava. Na presidência, escrevi grande parte dos meus discursos. Quando cheguei à presidência dizia: “Só assino papel depois de passar na mão do Dr. Saulo Ramos, para ele dizer que é constitucional, e na mão do Joaquim Campelo, o dicionarista.” Sou da Academia Brasileira de Letras e não posso assinar nada que tenha erro de português. Os dois eram responsáveis por passar o pentafino nos textos. (Leneide Duarte)